

TRADUÇÕES | TRANSLATIONS

O COTIDIANO, O PRÁTICO, O
ESTÉTICO E O ÉTICO DE JEANNETTE
POLS
Repercussões para a Antropologia



Jeannette Pols The Everyday, the Practical, the Aesthetic,
and the Ethical: Repercussions for Anthropology

Will Lucas Silva Pena
Universidade de Brasília
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social | Brasília, Brasil
wlspena@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-7863-2425

Soraya Fleischer¹
Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia | Brasília, Brasil
fleischer.soraya@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-7614-1382

¹ Agradecemos aos membros da equipe Novos Debates que também trabalharam na construção deste volume especial: Cintia Liara Engel, Telma de Sousa Bemerguy, Vinícius Kauê Ferreira, Matilde Quiroga Castellano, Mariane Pisani e Virgínia Squizani Rodrigues.



A pesar do destaque no cenário acadêmico de países do norte e leste da Europa, os trabalhos de Jeannette Pols ainda são pouco conhecidos no Brasil. A antropóloga, atualmente professora socrática na Universidade de Amsterdã, é reconhecida por seus estudos no campo da ética empírica, das tecnologias de saúde e das práticas de cuidados, havendo traduções de seus artigos para as línguas polonesa, tcheca, francesa e espanhola. Objetivando democratizar o acesso à produção da autora para o público lusófono, apresentamos neste dossiê nove versões em português de textos de J. Pols. Seleccionamos de diversos formatos (artigos científicos, capítulos de livro, chamadas públicas), publicados em distintos períodos (década de 2000, 2010 e 2020) para que, no conjunto, o(a) leitor(a) seja apresentado não apenas às produções mais recentes ou de maior impacto, mas a uma autora em sua multiplicidade.

Contamos com diversas mãos e múltiplas vontades na elaboração deste dossiê. O interesse de um coletivo de docentes e discentes em conhecer a produção antropológica de uma autora dos Países Baixos somou-se, no processo, ao desejo da tradução, resultando em um projeto colaborativo. De antemão, pontuamos que os(as) envolvidos(as) no projeto eram antes entusiastas do que tradutores(as) profissionais. Motivados(as), no entanto, pelos debates a respeito dos textos escolhidos e, em igual medida, pelos dilemas envolvidos em emparelhar línguas e linguagens, desenvolvemos métodos específicos para seguir adiante.

Jeannette Pols, seus principais diálogos e conceitos

Embora os trabalhos de Jeannette Pols ainda sejam, em grande parte, desconhecidos por pesquisadores(as) brasileiros(as), é possível que o(a) leitor(a) se recorde de sua participação na pesquisa que gerou a obra *The Body Multiple*, título que consagrou AnneMarie Mol (2002) no cenário acadêmico global. J. Pols atuava enquanto auxiliar de pesquisa no período em que, concomitantemente, desenvolvia sua tese de doutoramento sob orientação da filósofa holandesa. Muitas de suas opções conceituais decorrem dessa influência e, de forma mais ampla, dos estudos sociais da ciência e da filosofia empírica. Incorporando pressupostos dessas áreas no campo da cronicidade e dos cuidados, as pesquisas de J. Pols se destacam pelo foco nas **práticas de saúde e cuidado** no dia a dia daqueles(as) que, devido ao adoecimento, ao envelhecimento, ou à condição

de deficiência, convivem com problemas novos e articulam formas para manejá-los.

A opção pelo estudo das **práticas** é, certamente, algo que herda de sua orientadora. Na obra clássica de A. Mol (2002), a atenção às práticas de diferentes especialistas médicos, associados às aparelhagens técnicas utilizadas por cada qual, leva esta autora a propor que uma doença, quando observada na prática, é uma **multiplicidade**. Nesse estudo, inovador na tradição das análises sociais da saúde e da doença, a autora e sua assistente acompanharam médicos(as) e os dispositivos de diagnóstico manejados por eles, não adensando-se nas proposições de pacientes ou cuidadores(as). Apesar disso, a possibilidade de análises do cotidiano da cronicidade pelo viés da prática não deixa de ser sinalizada:

Viver com pernas que doem ao caminhar não só convida a pessoa a dar sentido e significado à sua nova situação, mas também é uma questão prática. Um(a) cientista social que quisesse saber sobre os aspectos práticos de viver com problemas nas artérias das pernas poderia seguir o Sr. Gerritsen enquanto ele faz o que pode e esbarra no que não pode. Jeannette e eu não empreendemos tal etnografia [nessa obra] (Mol 2002, p. 15, nossa tradução).

Na trajetória de J. Pols enquanto pesquisadora, seus estudos se direcionaram para esse aspecto não abordado em *The Body Multiple*. Pode-se dizer, utilizando as metáforas teatrais que tanto acompanham seus trabalhos, que as peças dirigidas por ela se abrem no segundo ato: a dimensão prática do convívio com o adoecimento crônico ou mental, da condição de deficiência ou da velhice, e não as políticas ontológicas envolvidas na coordenação de um diagnóstico, ganham os palcos. É recorrente, assim, que a autora leve o(a) espectador(a) a espaços e edifícios que lidam diariamente com a cronicidade, como asilos, alas psiquiátricas e instituições de longa permanência (neste dossiê, cf. Pols 2023a, 2023b; Mol, Moser, Pols 2023; Muusse et al. 2023); clínicas de reabilitação, no caso de suas pesquisas com pacientes diagnosticados com Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (Pols 2023c, 2023d); hospitais universitários, hospitais-escola e outras instituições de saúde envolvidas na formação de novos quadros profissionais (Wallenburg, Pols, De Bont 2023); ou mesmo nos domicílios e bairros de pacientes, sobretudo em suas análises sobre as práticas de telecuidado e telemedicina (Mol, Moser, Pols 2023).

O contato alargado com tais contextos apresentou à autora um tipo de **conhecimento** que insurge no cotidiano das práticas de cuidado fortemente associado à atuação de enfermeiros(as), cuidadores(as), pacientes, tecnologias biomédicas e arquiteturas. Esse conhecimento inclui o manejo de recursos diversos, dentro os quais os biomédicos, em articulações igualmente plurais.

Pacientes com doenças crônicas e pessoas que vivem com deficiências desenvolvem conhecimentos e técnicas para interpretar, apreciar e moldar suas vidas diárias com a doença de uma “forma boa”. “Bom” aqui é uma questão de fazer ajustes e rever medidas, de coordenar e traduzir conhecimento, tecnologias e conselhos de várias fontes, incluindo práticas e tecnologias médicas. Do ponto de vista epistemológico, é um conhecimento “confuso”, envolvendo muitas técnicas, valores e materiais diferentes (Pols 2014, p. 75, nossa tradução).

Na interação entre os diversos elementos, as análises de J. Pols buscam destrinchar aquilo que, no contexto analisado, é considerado um **“bom cuidado”** ou, mais precisamente, uma **“boa prática de cuidado”**. Sua proposta, condizente com os preceitos da **ética empírica**, está em discutir as tentativas de se produzir o **“bom”** ou o **“melhor possível”** diante de problemas cotidianos vivenciados por seus(suas) interlocutores(as). Para tanto, há que se “prestar atenção a que tipo de problemas as pessoas encontram, como podem ser resolvidos e quais valores são, nesse processo, trazidos à existência” (Pols 2019, p. 59). Dilemas práticos e a solução dada a eles, envolvendo o manejo e arranjo do que está disposto, apresentam a lógica social situacional acionada pelos agentes em suas tentativas de “fazer o que é “bom”” (Pols, Limburg 2023, p. 08) e, em se tratando de estudos comparativos, distintas propostas de fazê-lo.

De acordo com J. Pols, a perspectiva empírica é frutífera no campo da cronicidade em função da inaplicabilidade de princípios gerais. Conquanto seja difícil contra-argumentar, em termos teóricos, sobre a importância de promover a autonomia e a privacidade de um(a) paciente, em termos práticos, nem sempre pautar-se por esses valores incorre em práticas de cuidados melhores:

No cuidado crônico, princípios como autonomia e privacidade assumem uma forma estética. Isso significa que os profissionais reconhecem esses valores, mas não os aplicam cegamente a todos como um direito ou dever. Eles consideram se eles se encaixam em uma situação particular. Um exemplo é o respeito à privacidade quando os pacientes se recusam a tomar banho. As enfermeiras respeitam a privacidade desses pacientes, mas

isso muda se os pacientes começam a cheirar mal. Nesse momento, outros valores tornam-se mais imperativos: a limpeza, o cuidado com as pessoas que não podem cuidar de si mesmas ou a importância dos contatos sociais. Isso pode colocar o valor da privacidade em espera. A privacidade não funciona como um direito, mas como um valor moral estético (Pols 2013b, p. 26, nossa tradução).

Diante de um problema prático, como a higiene de um(a) paciente, uma multiplicidade de práticas pode ser empreendida. A decisão sobre o banho pode ficar inteiramente a cargo do(da) paciente, prezando-se, assim, por sua privacidade e autonomia. Contudo, caso a boa higiene seja um valor, a decisão pode se tornar prerrogativa dos(das) profissionais de saúde, que agem em prol de uma outra forma de praticar um “bom cuidado”. Entre esses dois espectros, há ainda um campo amplo de possibilidades. Em vez de coagir o(a) paciente, é possível encorajá-lo(a) com práticas de incentivo ou, em outra via, com práticas de restrição. Pode-se guiar o banho do(da) paciente apenas com comandos orais ou, diferentemente, banhá-lo(a) para promover o que se considera uma melhor limpeza. Embora as possibilidades não sejam infinitas, elas são **múltiplas**, e cada uma promove determinada versão de “bom cuidado”.

Distanciando-se dos estudos éticos tradicionais, em que a abstração, conjectura, prescrição e projeção compõem o método elegido para definir a “boa ação”, a autora vale-se da **etnografia** para situar quais valores articulam-se nas práticas empreendidas. Na lógica resultante dessa abordagem, há uma recusa da normatividade no sentido clássico: não se trata de julgar as práticas por um referencial estipulado pelo(a) pesquisador(a). O objetivo, antes, é compreender o que é praticado e assumido pelos agentes como “bons cuidados” em uma dada situação e a associação de valores ali articulada. A esse respeito, J. Pols adverte:

O analista não precisa concordar com a forma particular do “bom” estudado, mas antes de argumentar sobre a “bondade” de uma determinada prática, o pesquisador precisa levá-la a sério para ver como ela funciona. Esta é, novamente, uma demanda por especificação. Não existe prática de cuidado, mas existem muitas práticas de cuidado diferentes (Pols 2017, p. 2, nossa tradução).

Ao não criar um referencial externo em suas análises, os trabalhos de J. Pols dispõem-se a observar os referenciais **intra-normativos** promovidos pelos(as) agentes na prática do que consideram um bom cuidado. Na ética clássica, os debates muitas

vezes afastam a complexidade do mundo empírico, preferindo refinar pela abstração a definição essencial ou originária da “boa ação”. No campo prático, por sua vez, é imperativo observar as versões de “bom cuidado” derivadas da interação de diversos agentes – profissionais de saúde, tecnologias disponíveis, pacientes, apreciações e valores – na promoção de uma lide específica com um problema emergente. A proposta é a de estudar o que cada prática coloca em ação e faz proliferar. Desse ato, não derivam prescrições, mas propostas distintas de como lidar com o adoecimento na busca por uma “boa vida” dentro de certos limites e inclinações.

A organização deste dossiê

Curiosa pela profícua antropologia que vem sendo produzida nos Países Baixos neste século, a segunda autora desta Apresentação realizou em 2019 uma visita técnica a Amsterdã, Leiden e Utrecht. Encontrou, conversou e entrevistou vários(as) colegas que têm trabalhado na interface entre a antropologia, saúde e ciência. Conheceu pessoalmente Jeannette Pols numa agradável e generosa conversa na sala de reuniões do Departamento de Antropologia da Universidade de Amsterdã, e ali começou a vontade de ampliar o acesso ao seu trabalho.

De volta ao Brasil e, uma vez passada a pandemia, organizamos no primeiro semestre letivo de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de Brasília (PPGAS/UnB), o curso “Seminário de leituras: Jeannette Pols”. Os objetivos eram vários: mergulhar na obra recente de uma antropóloga médica (com formação também em psicologia e filosofia) pouco conhecida no Brasil; adensar o conhecimento de conceitos, metodologias e análises na área da antropologia da saúde; ler textos a partir do exercício prático de traduzi-los; democratizar o acesso a uma autora que predominantemente publica em inglês (embora sua língua materna seja o holandês) e que não tinha uma obra sequer disponível em português; promover um projeto coletivo sobre tradução, editoração e publicação acadêmicas. Organizar um curso para traduzir, ler, discutir – e agora publicar – foi muito inspirado por iniciativas pedagógicas semelhantes, empreendidas recentemente pelas colegas antropólogas Gretel Echazú(UFRN) e Laura Moutinho (USP) e suas equipes de colegas discentes e docentes (Erickson, Echazú Böschemeier 2019; Moutinho, Tiriba, Brusco 2021).

Como preparação para o nosso curso, foram elencados 41 textos de J. Pols que fossem recentes e que estabelecessem um diálogo direto com a área de antropologia da saúde. A turma foi composta por 10 estudantes de mestrado e doutorado de Antropologia (mas também de Direito e Bioética). A partir destas 41 referências, cada estudante escolheu um texto para traduzir considerando, ao mesmo tempo, aproximações com o seu próprio tema de pesquisa, a relevância do texto dentro da obra de Pols e uma composição temática diversa desta dezena de textos.

A cada aula, nos concentramos em um texto. Este texto tinha sido, na semana anterior, traduzido por um(a) estudante e revisado por outro(a) estudante. Evitamos que esse trabalho em dupla fosse recíproco para que, a cada texto, dois(duas) estudantes diferentes tivessem a chance de trabalharem juntos(as). Essa cooperação variada contribuiu para que as relações se estreitassem, contribuindo para sensação de turma e colaboração. *Softwares* de tradução, dentre os quais o *Google Translator*, foram aproveitados para gerar uma primeira versão.

Para a aula, o texto foi lido em sua versão traduzida para o português, embora todos(as) tivessem condições mínimas, mas com proficiências variadas, de ler na língua inglesa. Ler em português, por um lado, já permitiria realizar traduções das ideias de J. Pols para o nosso contexto local e, por outro, ajudaria a lapidar a tradução e a revisão feitas pelos(as) colegas. Dúvidas de tradução foram sendo respondidas pelos(as) colegas de turma. Depois da aula, o(a) tradutor(a) voltava ao texto e aceitava todas as sugestões e soluções que julgasse pertinente.

A etapa de tradução foi, sem dúvida, a mais longa e difícil. A cada etapa em casa e na sala de aula, o texto foi sendo progressivamente aprimorado. Foi um empreendimento coletivo, todos(as) se ajudavam. E, ao ler um conjunto de textos de uma mesma autora, notamos que termos, exemplos, formas de narrar, descrever e analisar eram recorrentes. Um texto, portanto, oferecia soluções de tradução para outro. Este foi, no melhor estilo de J. Pols, um mutirão permeado de **tinkering** - inclusive para conseguirmos, por exemplo, chegar a uma tradução aceitável e consensual para o próprio termo "tinkering". Mas não debatemos apenas conceitos; ao traduzir a autora, também tivemos a chance de notar, por exemplo, como ela construía frases (sempre mais curtas do que usamos no português), como fazia conexões entre as frases, quantas frases compunham um parágrafo, quando um trecho carecia de uma nota de explicação suplementar, que textos contavam com outras informações (como

tabelas, diagramas, fotografias etc.). Percebemos também, para além dos vocábulos, como o pensamento de J. Pols estava também na sua forma de escrever, na opção por co-autoria com colegas de várias áreas de trabalho, na preferência por publicar em periódicos interdisciplinares, na alimentação dos artigos com relatórios de pesquisas, na transcrição literal ou na paráfrase do que fora dito pelos interlocutores de campo etc. O conteúdo estava em várias partes do texto.

À medida que o curso avançava, optamos por produzir materiais de apoio. Eram estratégias para ajudar no trabalho de traduzir, ler e entender os textos. Primeiro, à margem direita do arquivo, o(a) tradutor(a) registrava suas dúvidas diante de um termo ou um contexto e o(a) revisor(a) e os(as) demais estudantes tentavam ali também deixar propostas de soluções. Estes balões de comentários espelhavam e estendiam o bom debate, ao mesmo tempo antropológico e linguístico, que tínhamos em sala de aula. Segundo, mesmo depois da aula e das sugestões, uma tabela guardou os problemas persistentes e ao final do curso, mais versados na obra de J. Pols, voltamos tentando vencer esta tabela. Terceiro, para facilitar o entendimento comparativo e também mais global desta dezena de textos, inventamos uma tabela sinóptica e etnográfica. Cada linha correspondia a um texto e nas colunas figuravam os principais atores, cenários, perguntas de pesquisa e conceitos daquele texto. Quarto, evitamos duplicar o trabalho e, assim que esbarrávamos com ideias centrais da autora, copiávamos esses trechos para um documento em separado. A intenção era ajudar na escrita dessa apresentação. Por fim, criamos um *template* para padronizar o formato dos textos traduzidos. Sabíamos que esta padronização facilitaria apresentar um conjunto mais coeso ao periódico que viria a publicá-lo, embora também soubéssemos que ajustes seriam necessários para contemplar o próprio *template* da revista.

Ao final do curso, uma equipe de estudantes se prontificou a fazer o que chamamos de “pente fino”. Ajudaram na padronização das traduções, apostando que o conjunto de textos refletisse, por um lado, um resultado coletivo e coeso e, por outro, que soluções individualmente desenhadas por cada estudante não fossem postas à margem. Entre as padronizações, pode-se citar, por exemplo, o uso do negrito para recriar ênfases explicitadas nos textos originais. Embora J. Pols utilize o itálico para esse fim, optamos por outra estratégia em razão de o itálico ser, em geral, um recurso utilizado para destacar palavras estrangeiras nas produções acadêmicas brasileiras. Em acréscimo,

definimos utilizar os sinais de parêntese quando o(a) tradutor(a) desejasse explicitar a palavra original utilizada pela autora - por exemplo, “não há nenhuma história singular articulada ou colocada em cena (*enacted*) sobre doenças” (Pols 2023c, p. 05) - e manter os colchetes para explicitações feitas pela própria J. Pols na transcrição de seu caderno de campo - por exemplo, “Dave pede a Nick que mova [o *scanner*] para baixo” (Wallenburg, Pols, De Bont 2023, p. 12).

Em contraponto, alguns dilemas experimentados na produção de uma versão em português de um texto em inglês foram solucionados de formas distintas pelos(as) estudantes. Respeitamos essas diferenças para que a assinatura de cada tradutor(a) não se perdesse. A transposição do “estilo de escrita” da autora no processo de tradução, por ser um tópico dilemático, dividiu propostas de ação: alguns(mas) estudantes optaram por um caminho mais literal, mimetizando o estilo de J. Pols a partir da repetição de palavras, técnica usual nas produções anglo-saxãs, e da transposição de determinadas quebras de paralelismo sintático; outros(as), por sua vez, preferiram adaptar os textos a uma estética de escrita mais recorrente entre acadêmicos(as) brasileiros(as). Igualmente, os dissensos a respeito da tradução do gênero dos substantivos e, conseqüentemente, das concordâncias nominais levaram a formas distintas de tradução. Enquanto alguns(mas) estudantes optaram por utilizar as regras formais do português; outros(as) priorizaram visibilizar o gênero feminino adicionando as terminações “a” ou “as” entre parênteses.

Findas as traduções, mais tarefas surgiram e foram divididas entre a equipe para viabilizar a publicação do dossiê. Conseguir as autorizações de republicação, padronizar as referências, montar o sumário do dossiê, reconhecer os créditos de todos(as) que trabalharam, escrever a apresentação, imaginar a capa do dossiê, consultar as revistas sobre o interesse no dossiê e divulgar o resultado final. Acumulamos, a cada etapa, novos aprendizados. Por exemplo, das editoras de origem, somente uma não nos consentiu publicá-lo sem o pagamento de uma taxa abusiva em euros. Argumentar que a autora havia consentido, que o trabalho de tradução tinha sido voluntário e que a revista de destino seria de acesso livre não foi suficiente. Como não dispúnhamos de recursos para essa tarefa, infelizmente, este texto não pôde integrar o dossiê.

Cecilia Fleischer Swioklo, com 9 anos em 2019, acompanhou a segunda autora dessa apresentação na visita técnica às universidades neerlandesas. Enquanto a mãe

conversava com as colegas, a filha, sentada a um canto da sala, desenhou, por iniciativa própria, o rosto das pessoas. Esse material ajudou a compor o relatório final da visita técnica e J. Pols apontou essa imagem, face à opção por uma fotografia, como a melhor forma de ilustrar o dossiê. O corpo, a estética, os encontros intergeracionais, todos aspectos valorizados na obra de J. Pols, se encontram presentes nesse desenho.

J. Pols geralmente trabalha em espaços altamente interdisciplinares (como hospitais, comitês de ética etc.), integra projetos de pesquisa com profissionais de várias trajetórias, prima por produzir textos e relatórios para serem aplicados por gestores, em políticas públicas, em processos de formação de novos atores dos cuidados em saúde (e até mesmo reverbera na arte!). Esta motivação teórica e política se reflete no constante trabalho com co-autores(as) e também numa circulação institucional. Por isso, optamos por deixar, nas primeiras notas dos textos, a filiação profissional de todos(as) os(as) autores(as).

Todos os nove textos aqui reunidos foram anteriormente publicados na língua inglesa e em periódicos anglo-saxões. A maior parte foi escrita originalmente como artigos. Mas alguns foram, inicialmente, escritos como capítulos de tese, como “Lavando o cidadão” (terceiro capítulo da tese de Pols, 2004) e “Colocando apreciações em cena” (sexto capítulo da tese, *idem*). Um texto (“Cuidando de uma crise”) foi inspirado num relatório que Pols e colegas produziram ao final de uma pesquisa. Ainda outros formatos textuais serão notados aqui, como “Cuidado”, originalmente formulado como a apresentação de um livro, e “Bondade”, que foi uma longa e teórica chamada para um dossiê. Ambos foram incluídos porque reúnem conceitos importantes para a autora.

Evitamos organizar os nove textos em ordem cronológica. Isto teria permitido que os(as) leitores(as) percebessem como J. Pols passa vários anos dedicada a um assunto específico. Mas, como a nossa intenção é apresentar a autora ao público brasileiro, julgamos mais estratégico que os grandes temas que lhe interessam sejam conhecidos. Assim, a primeira parte “Cuidado, cuidados específicos e ética”, reúne textos onde ela desenvolveu as nuances plurais do conceito do “cuidado”. Na segunda parte, “Saúde mental em cena”, fica explícita a sua dedicação para entender, descrever e pautar o sofrimento mental, o envelhecimento e a cronicidade dentro e fora das instituições. E, na terceira parte, “Ciência e produção de conhecimento”,

evidencia-se como pensar o tema da saúde é também considerar a formação profissional e a produção científica.

Investir em traduzir textos para que se tornem o material didático a ser utilizado em sala de aula tem muitos benefícios. Não apenas facilita a compreensão para estudantes menos familiarizados(as) com línguas estrangeiras, mas oferece um tempo estendido para mergulhar no texto e aprender, além de suas preciosas ideias teóricas e resultados analíticos, também sobre como escrever, como co-assinar, como falar para públicos externos à Antropologia, como traduzir a nossa área para outras que pouco nos conhecem, como negociar com periódicos estrangeiros e nacionais etc. Como uma antropóloga da saúde com propósitos muito aplicados e políticos, a obra recente de J. Pols se provou uma ótima oportunidade para experimentarmos todos estes benefícios.

Agradecemos aos pós-graduandos(as) da UnB que se matricularam no curso e se interessaram em empreender um exercício intensamente coletivo de leitura-tradução-publicação, Ana Carolina Dantas, Ana Paula Jacob, Andréia Góis, Ivo Lima dos Santos, Luisa Muccillo, Luiza Rosa, Rafael de Mesquita, Thais Valim, Tomás Kierszenowicz e Will Pena. Também somos gratos(as) pelo estímulo recebido de Jeannette Pols para que sua obra fosse traduzida e conhecida no Brasil, bem como na mediação com as casas editoriais que originalmente abrigaram seus textos (*Transcript Verlag, Springer Link, Taylor & Francis e Policy Press*). Valeu pelo desenho que vai ilustrar a capa do dossiê, Ceci! E, na figura dos editores, Cintia Engel, Matilde Quiroga, Telma Bemerguy e xxx², ficamos agradecidos(as) pela acolhida da revista *Novos Debates*.

Boa leitura!

Referências

- ERICKSON, Sandra; ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel. (Orgs.). 2019. “Fire!!! ZoraNealeHurston” (número especial). *Ayé: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 01-195.
- GEBERT, Nathalie; POLS, Jeannette. 2021. “Session I: The aesthetic value of care”. Debate mediado por Florian Weigl. *Who cares? To mind is to care*, v. 2, 20 de janeiro de 2021.

- Vídeo, 69”56’ (duração). Disponível em: <https://vimeo.com/513376679> (Acesso em 09 de janeiro de 2023).
- _____. 2002. *The body multiple: Ontology in medical practice*. Durham: Duke University Press.
- MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette. 2023. “Cuidado: colocando a prática na teoria”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-21.
- MOUTINHO, Laura; TIRIBA, Thais; BRUSCO, Rodrigo. 2021. “Ensino de Antropologia em inglês: reflexões sobre uma experiência de inclusão”. *Revista de Antropologia*, v. 64, n. 3, p. 01-15.
- MUUSSE, Christien; KROON, Hans; MULDER, Cornelis; POLS, Jeannette. 2023. ““Cuidando de uma crise”: Cuidado e controle na saúde mental comunitária”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-33.
- POLS, Jeannette. 2004. *Good care: enacting a complex ideal in long-term psychiatry*. Utrecht: Trimbos-instituut.
- _____. 2005. “Enacting appreciations: beyond the patient perspective”. *Health Care Analysis*, v. 13, n. 3, p. 203-221.
- _____. 2013a. “Jeannette Pols - Interview on November 22th, 2012”. Entrevista com Webteam. *Ethics of care*, 16 de maio de 2013. Disponível em: <https://ethicsofcare.org/jeannette-pols/> (Acesso em 04 de setembro de 2022).
- _____. 2013b. “The chronification of illness. An empirical ethics in care (Inaugural lecture)”. Amsterdam: University of Amsterdam, p. 20-39.
- _____. 2014. “Knowing Patients: turning patient knowledge into science”. *Science Technology and Human Values*, v. 39, n. 1, p. 73-97.
- _____. 2015. “Towards an empirical ethics in care: relations with technologies in health care”. *Medicine, Health Care and Philosophy*, v. 18, n. 1, p. 81-90.
- _____. 2017. “Good relations with technology: empirical ethics and aesthetics in care”. *Nursing Philosophy*, v. 18, n. 1, p. 01-07.
- _____. 2018. “A Reader’s Guide to the Anthropology of Ethics and Morality - Part III”. *In: Somatosphere: Science, Medicine, and Anthropology (sítio on-line)*. Disponível em: <http://somatosphere.net/2018/a-readers-guide-to-the->

[anthropology-of-ethics-and-morality-part-iii.html/](https://www.novosdebates.org.br/anthropology-of-ethics-and-morality-part-iii.html/) (Acesso em 09 de janeiro de 2023).

- _____. 2019. “Care, everyday life and aesthetic values: About the study of specificities”. *In*: Joke Brouwer e Sjoerd Van Tuinen (Orgs). *To Mind is to Care*. Rotterdam: v. 2, p. 42-61.
- _____. 2023a. “Colocando apreciações em cena: Além da perspectiva do paciente”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-27.
- _____. 2023b. “Lavando o cidadão: Banho, limpeza e cidadania no cuidado em saúde mental”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-31.
- _____. 2023c. “Praticidades de tirar o fôlego: Uma política de posições do paciente corporificadas”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-27.
- _____. 2023d. “Trazendo corpos – e cuidados de saúde – “de volta”. Explorando o conhecimento prático na vida de pessoas com doença crônica”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-20.
- POLS, Jeannette; LIMBURG, Sarah. 2023. “Uma questão de gosto? Qualidade de vida no dia a dia com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) e uma sonda de gastrostomia”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-32.
- WALLENBURG, Iris; POLS, Jeannette; DE BONT, Antoinette. 2023. ““Você precisa criar vínculos com quem você treina”: misturando culturas epistêmicas no treinamento de residência médica”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-26.
- WILLEMS, Dick; POLS, Jeannette. 2023. “Bondade! A virada empírica dentro da ética da assistência à saúde”. *Novos Debates*, v. 9, n. 1, p. 01-13.